



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CEGOS, SURDOS E MUDOS NA BAHIA DO SÉCULO XIX

OSVALDO SILVA FELIX JUNIOR

Colégio Militar do Salvador (CMS)

felixinfa@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Mais de 24 milhões de brasileiros possuem algum tipo de deficiência. Cerca de 16,5 milhões possuem deficiência visual, 8 milhões possuem deficiências de locomoção, 5,5 milhões possuem deficiência auditiva, e quase 3 milhões possuem alguma deficiência mental. Frequentemente é dito que há grande carência de obras adaptadas ao deficiente no Brasil e que nenhuma campanha específica nacional é realizada para resolver o problema.

Durante séculos as pessoas com deficiência foram consideradas inúteis – um peso morto para a sociedade, um fardo para a família e sem valor profissional. Chamadas “INVÁLIDAS” foram excluídas da sociedade, muitas delas literalmente exterminadas em certas culturas (VIVARTA, 2003. p. 20).

Diante desse contexto, a segregação institucional, surgida no final do século XIX e praticada até o final da década de 40, pode ser considerada um progresso da humanidade. Pois, pelo menos não estimulava a eliminação de pessoas com deficiência e nem as abandonava em ilhas remotas, de onde não poderiam fugir. A segregação institucional consistia em o Estado, a família ou a sociedade de um modo geral internar pelo resto da vida as pessoas com deficiências em grandes instituições fechadas, terminais. Dentro dessas instituições era provido um mínimo de condições favoráveis, ou seja, teto, comida e roupa (VIVARTA, 2003. p. 120-122).

2. CEGOS E SURDOS-MUDOS NA BAHIA DE 1869

Na Bahia a situação dos “INVÁLIDOS” começou a evoluir a partir de 1869, quando pela primeira vez o Estado tomou consciência de que eles existiam. Em 11 de novembro de 1869, o presidente da província da Bahia, Francisco Gonçalves Martins, o Barão de São Lourenço, endereçou uma correspondência oficial ao chefe de polícia da Capital. A princípio parecia ser mais uma entre centenas de orientações que o chefe de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

polícia recebera daquela autoridade, num momento em que a província passava por sérias dificuldades econômicas e sociais, que se agravaram com a participação obrigatória de uma imensa parcela de homens pobres livres na guerra do Paraguai, a partir de 1865. Porém, ao abrir o envelope, o chefe de polícia foi surpreendido com o teor da correspondência. O presidente solicitava, com a máxima brevidade possível, uma relação dos brasileiros cegos e surdos-mudos existentes na província, e que se fosse especificado os que estavam nessa situação por nascença. Solicitava ainda que constasse da relação outros dados, como: idade, naturalidade, filiação, e quaisquer circunstâncias que pudessem interessar.¹

O presidente da província observava no bojo do documento que tal solicitação se fazia necessário para que se cumprisse uma solicitação pessoal de Sua Majestade, o Imperador Pedro II, e que a resposta deveria ser enviada diretamente ao Ministério do Império.

O ofício foi respondido em 7 de dezembro de 1869, nos seguintes termos:

“Esta relação dos cegos e surdos-mudos da província deve ficar junta ao ofício da presidência de novembro próximo passado, tendo sido esta exigência feita pelo serviço do Ministério do Império de 11 de novembro de 1869”.

Em anexo constava uma relação especificando os cegos e surdos-mudos existentes, naquele ano de 1869, em toda a província. A relação procurou ser, dentro da urgência requerida, a mais completa possível, na tentativa de cumprir fielmente, as orientações superiores. Percebe-se, ao observá-la, que entre as pessoas deficientes listadas existia uma diversidade de características, como: etnia, cor, idade e gênero, com pessoas cadastradas na capital e no interior, num total de 721 deficientes.

E algumas perguntas me vieram à mente quando encontrei, no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), a dita relação. Para que o Imperador solicitaria da província uma relação de deficientes (cegos, surdos e mudos), quando vivíamos os horrores da guerra do Paraguai, onde centenas de mutilados voltavam dos campos de batalhas a todo o momento? Qual era a intenção de Pedro II?

¹ APEB. Seção de Arquivos Coloniais e Provinciais. Inventário dos documentos do governo da província. Série Polícia. Correspondências expedidas pela presidência da província. Maço 6158.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

As minhas dúvidas começaram a ser retiradas quando passei a ter contato com a incipiente, mas significativa bibliografia referente aos deficientes físicos no Brasil. De acordo com os pesquisadores que se debruçaram sobre esse tema, em sua quase totalidade ligados à educação, no Brasil, durante os quatro primeiros séculos, tanto na área da medicina quanto na da reabilitação física e da educação, não houve uma evolução significativa que favorecesse a inserção social das pessoas com deficiência em geral.

A partir de meados de século XIX, a visão sobrenatural que se tinha sobre o deficiente (como por exemplo, que era alvo de possessão demoníaca) começa a mudar, devido a algumas experiências educacionais com os mesmos em outros países, refletindo-se aqui no Brasil, por meio da criação de instituições de reabilitação ordenada por D. Pedro II. As primeiras instituições especializadas criadas, no Brasil, foram: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos (1884), o Instituto dos Surdos-Mudos (1887) e o Asilo dos Inválidos da Pátria, destinado aos ex-combatentes mutilados nas guerras em defesa do Brasil. Os indícios me levaram a crer que de alguma forma o pedido poderia ter a ver com a criação das instituições criadas por Pedro II para apoiar os deficientes.

Procurei debruçar-me sobre dados que pudessem traçar o perfil desse universo de indivíduos e indicar as características de cada grupo. Assim pude constatar dados estatísticos que me propiciaram uma análise inicial de situações e características interessantes em relação a essas pessoas.

Inicialmente trabalharei com o universo de brancos e negros, porém a ideia é aprofundar os conhecimentos em relação aos deficientes negros, pois o Brasil vivenciava um período onde o Estado escravocrata dependia da mão de obra negra e mestiça para a sua sobrevivência e a Bahia vivenciava um período de grandes dificuldades socioeconômicas, e essas condicionantes certamente marcaram, em particular, a vida dos deficientes negros.

Essas pessoas sofriam pela discriminação racial, pela condição de escravos ou pela condição sócio-econômica em que se enquadravam, já que na Bahia, nessa época, a maioria da população vivia numa situação de miséria silenciosa, como agregados em casas de família ou como vendedores ambulantes, serventes, diaristas, que de tudo faziam para a sua sobrevivência. Salvador ostentava a desorganização de uma economia muito pobre a viver de expedientes provisórios, de pequenos serviços prestados e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

ardilosas agências com que os forros sobreviviam o seu dia a dia precário, dando a fisionomia da cidade certos destaques de pobreza, tanto visuais quanto materiais. (FRAGA FILHO, 1996. p. 22)

A escassez de empregos levava os homens livres pobres a viverem de oportunidades temporárias e instáveis, disputando com os donos de escravos as limitadas oportunidades do mercado de trabalho. Entre 1860 e 1887, a Bahia vivenciou um período de grande depressão, e essa crise atingiu as camadas populares da população de várias formas: na carestia dos gêneros de primeira necessidade; na corrosão dos salários, diminuindo o poder de compra do pobre; e na vulnerabilidade a epidemias, levada pela fraqueza alimentar. (MATTOSO, 1992, p. 181 – 182)

Por outro lado, a cólera deixou, na segunda metade do século XIX, um rastro de morte e miserabilidade que atingiu os habitantes da Capital e do Recôncavo, aumentando a mendicância e a orfandade. Além das epidemias, a seca no sertão e as enchentes ocorridas no Recôncavo, levaram à mortes e grande número de desabrigados. Cidades como Cachoeira e São Félix, importantes centros comerciais foram atingidas e sua população levada ao desespero. Com a seca aumentava o número de retirantes, que iam engrossar, na Capital e nas vilas do Recôncavo, os contingentes de mendigos. (MATTOSO, 1992, p.181-182; FRAGA FILHO, 1996, p. 22).

Esses dados e essas condicionantes servirão de base para que, através de fontes cartoriais, como: processos crimes, processos cíveis, inventários, testamentos e registros de ocorrências policiais, eu possa chegar a essas pessoas, verificando os seus cotidianos e os fatos que levaram, direta ou indiretamente, à sua situação de “inválido”.

3. DADOS ESTATÍSTICOS GERAIS

Total dos cadastrados: 721 pessoas

Homens cadastrados: 373

Mulheres cadastradas: 348

Branco: 414

Negros: 307



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Tabela 1

Cegos e Surdos-Mudos Existentes nos Termos e Distritos da Bahia
(em1869)

Termos/Distritos	Deficientes	Cegos	Surdos/mudos	% do Total
1º Dist. Capital	57	36	21	7,9
2º Dist. Capital	12	01	11	1,7
Vila da Barra do Rio das Contas	05	04	01	0,7
Pombal	27	25	02	3,7
Alcobaça	11	08	03	1,5
Capim Grosso	18	14	04	2,5
Juazeiro	23	14	09	3,2
Abadia	05	05	00	0,5
Mata de S. João	08	08	00	1,1
Inhambupe	13	08	05	1,8
Porto Seguro	13	07	06	1,8
V. Nova da Rainha	54	39	15	7,5
Ilhéus	04	03	01	0,5
Barra do Rio Grande	11	10	01	1,5
Santa Izabel do Paraguaçu	10	07	03	1,4
Chique-Chique	12	04	08	1,7
S. Rita do Rio Preto	23	19	05	3,2
Lençóis	01	01	00	0,1
Caravelas	02	01	01	0,3



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Maragojipe	18	17	01	2,5
Marahú	08	07	01	1,1
Prado	04	04	00	0,5
Conde	14	13	01	1,9
Monte Santo	23	07	16	3,2
Abrantes	05	04	01	0,7
Carinhanha	23	14	09	3,2
Tucano	20	08	12	2,8
Cachoeira	37	26	11	5,1
Jaguaripe	13	12	01	1,8
Feira de Santana	35	27	08	4,8
Santo Amaro	08	03	05	1,1
Camisão	59	50	09	8,1
Monte Alto	08	03	05	1,1
Porto Alegre	02	02	00	0,3
Tapera	21	13	08	2,9
Geremoabo	73	40	33	10,1
Brejo Grande	08	01	07	1,1
Monte Alegre	05	04	01	0,7
Nazaré	28	17	11	3,9
Total	721			100,0

Tabela 2

Termos e Distritos Mais Populosos

Termos/Distritos	Número	Percentual do total
Geremoabo	73	10,1
Camisão	59	8,1
1º Distrito Capital	57	7,9
Vila Nova da Rainha	54	7,5



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Feira de Santana	35	4,8
------------------	----	-----

Tabela 3

Deficientes Negros (Cegos e Surdos-Mudos) Existentes

(Por cor / Origem)

LOCALIDADE	CRIoulos	PARDOS	PRETOS	CABRAS	TOTAL
1º Dist Capital	07	18	05	01	31
2º Dist Capital		12			12
Rio das Contas		05			05
Pombal		14		01	15
Juazeiro	02	11			13
Abadia		05			05
Mata de S. João			01		01
Inhambupe		03		01	04
Porto Seguro		07			07
Vila Nova da Rainha	02	35		01	38
Ilhéus	01	03			04
Barra do Rio Grande		06			06
Stª. Izabel do Paraguaçu	01	04		01	06
Lençóis	01				01
Prado			01		01
Monte Santo		05			05
Carinhanha			01		01
Tucano		10			10
Cachoeira	02	10			12



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Jaguaripe	01	03		01	05
Feira de Santana	01	26		03	30
Stº. Amaro		03			03
Camisão	03	34		10	47
Monte Alto		02			02
Tapera		07			07
Brejo Grande		06			06
Monte Alegre	02	03			05
Nazaré	10	13			23
Total	33	245	8	19	307

Tabela 4

Percentual dos Deficientes Negros Cegos e Surdos-Mudos
(por Cor)

COR	QUANTIDADE	% DO TOTAL DE NEGROS
Crioulos	32	10,42
Pardos	248	80,78
Pretos	08	2,60
Cabras	19	6,18
Total	307	100

Tabela 5

Deficientes Negros (Cegos e Surdos-Mudos)
(% por sexo)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

DADOS	QUANTIDADES	% DO TOTAL DE NEGROS
Homens	166	54,07
Mulheres	141	45,93

Tabela 6

Homens Negros (Cegos e Surdos-Mudos)

(% por faixa etária)

DADOS	QUANTIDADES	% DO TOTAL DE NEGROS
Menores que 18 anos	24	14,45
Entre 18 e 40 anos	65	39,15
Entre 40 e 70 anos	55	31,13
Acima de 70 anos	22	13,25

Tabela 7

Deficientes Brancos (Cegos e surdos-mudos)

(% por sexo)

COR	QUANTIDADE	% DO TOTAL DE BRANCOS
Homens	223	53,86
Mulheres	191	46,14

Tabela 8



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Homens Brancos (Cegos e surdos-mudos)

(% por faixa etária)

COR	QUANTIDADE	% DO TOTAL DE BRANCOS
Menores de 18 anos	54	24,21
Entre 18 e 40 anos	84	37,66
Entre 40 e 70 anos	41	18,38
Acima de 70 anos	16	7,17

Com base nos dados estatísticos podemos concluir essa primeira etapa da pesquisa inferindo que existiam na Bahia em 1869, mais deficientes brancos que negros e mais homens que mulheres.

Que entre os negros a grande maioria era parda, e o menor percentual era de cabras. Que do universo dos deficientes negros, a maioria era composta de homens, com um maior percentual de homens negros com idades entre 18 e 40 anos. Que chama a atenção, o número significativo de deficientes homens negros com idades acima de 70 anos (22 pessoas), numa época onde a expectativa de vida do homem livre era muito baixa.

Que na Capital existia um alto percentual de negros deficientes, em particular nos 1º e 2º Distritos (43 pessoas) e que essas pessoas eram em sua maioria pardas e pretas.

Que no Sul da província existia um percentual muito pequeno de deficientes (Ilhéus com 04 e Porto Seguro com 07 deficientes).

Podemos concluir ainda que entre os brancos a maioria dos deficientes era de homens e o maior percentual de indivíduos desse universo tinha idades entre 18 e 40 anos, com poucos indivíduos com idade acima de 70 anos.

Podemos concluir também que, de maneira geral, existiam mais deficientes no interior que na Capital e que a maioria se concentrava no Recôncavo Baiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

FRAGA FILHO, Walter. *Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do Século XIX*. São Paulo, SP / Salvador, Ba: Edufba, 1996.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1991.

GOLDENBERG, Mirian. *A Arte de Pesquisa: como fazer uma pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEMOS, Edison Ribeiro. *Educação de Excepcionais: Evolução Histórica e Desenvolvimento no Brasil*. Tese (Livre Docência). Universidade Federal: Fluminense, 1981.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. *Técnica de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1995.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia, Século XIX. Uma província no império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. *A Diferença / Deficiência Sob Uma História*. Revista Educação em Questão. Natal: EDUFRN, v. 8/9. p. 126-141.

MAZZOTA, Marcos J.S. *Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, 1995.

RIBAS, João B. Cintra. *O Que São Pessoas Deficientes*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *A Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

STAINBACK, Susan, STAINBACK, William. *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

VIVARTA, Veet. *Mídia e Deficiência*. Brasília: Andi, Fundação Banco do Brasil, 2003.